A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

ESTRADA DE S. JOSÉ, NO PARÁ

CHRONICA

Conflictos e concertos, concertos e conflictos.

Entre uns e outros foi deslisando lentamente a semana que hoje finda, semana quasi primaveral, diga-se de passagem, illuminada por um esplendido sol, de brilho alegre e vivo, d'aquelles que desafiam o appetite das *toilettes* ligeiras, das frescatas ruidosas pelos campos fóra, e dos passeios matinaes, em landau descoberto, até Queluz e Cintra, por onde haja muita verdura e regatos sussurantes, por onde se oiçam cantar os rouxinoes na ramaria entrelaçada dos platanos.

Que eu já me não fio muito na constancia d'estes lampejos prematuros da Primavera; não me emballo já com estas caricias mentirosas do sol, em pleno desabrochar do enganador fevereiro. Tenho presenciado muitos d'estes sorrisos fugazes, que vivem a vida ephemera das rosas de Malherbe. Conheço-os. Avalio-lhes a duração e a força. Podem alegrar-me um momento, como nos alegra tudo quanto é bom e doce e perfumado, mas não me illudem, os traiçoeiros.

Je vous connais, beaux masques!

Veem, como guarda avançada do carnaval, e assemelham-se-lhe na falsidade e no embuste. O sol tepido e acariciador, que ahi dardeja, não é o genuino sol das primaveras a valer, francas e abertas como os corações de namorados; não derrama sobre nós a fina poeira de ouro das manhãs quentes de maio; não desperta enthusiasmos viris nem insufla calor na alma. E' uma coisa postiça como a cabelleira negra do sr. conde de Mesquitella, fiticia como as orçamentologias do sr. Carrilho, falsa e enganadora como o rir dos *pierrots* d'entrudo.

Apparecendo, entre as dez e as onze, limpo de manchas, com o fulgor intenso d'um cirio colossal, ás duas da tarde amortece-lhe o brilho com que, momentos antes, nos enfeitiçára, e esconde-se, pallido e mono, no regaço d'uma nuvem pardacenta, e lá se vae, envergonhado e tristonho, illuminar mundos ignotos, deixando a invernia pingar eternamente no *trottoir* os seus chuviscos miudos, teimosos, importunos.

Para que este preambulo não fosse apenas uma *ficelle* de chronista falho d'assumpto, ahi o temos nós, precisamente agora, a justificar a verdade do nosso asserto. O dia, que amanhecera alegre como um hymno triumphal, começa a entristecer-se e a entristecer-nos pouco a pouco. A Avenida despovoa-se; e o madrigal com que os amantes felizes desejavam poder saudar uma tarde clara e limpida, ou não chega a sahir dos labios, ou transforma-se n'uma imprecação de raiva.

Decididamente, a Primavera não chegou, e as andorinhas, se já cá estão, vieram enganadas.

Mas a que proposito me sahiu da penna esta longa tirada sobre a inconstancia das manhãs formosas? Ah, já sei... Os conflictos, os concertos, as harmonias e as desharmonias. Houve muito de tudo.

Ao interminavel conflicto profano dos minhotos, seguiu-se o conflicto sagrado dos theologos conimbricenses com o bispo da diocese, por causa do auctoritarismo espiritual e temporal de sua eminencia reverendissima. Levariam muito a contar todas as peripecias d'esta contenda canonica, e esquivamo-nos, portanto, ás escabrosidades da narrativa, convencidos de que a paz do Senhor se restabelecerá de prompto no meio dos litigantes.

Conflicto numero 3:—o dos secretarios da empreza do theatro de Dona Maria com o poeta, sr. Abel Accacio, a proposito d'um drama em verso, d'este ultimo, que não cahio nas boas graças d'aquelles, por demasia de licenciosidades pornographicas, segundo a declaração dos artistas censores. Conflicto muito mais pornographico e muito menos sonoro que os versos da peça, entre os quaes ha decassyllabos d'este quilate, postos nos labios d'um filho do peccado, ao avistar-se pela vez primeira com a mundana que lhe deu o ser:

Diz-lhe a mãe:

> «Não foi do vicio
> Que nasceste, meu filho: foi do amor!»

E elle responde:

> «Pois então!... E' dos livros; sim, senhor.
> O amor é o passa-culpas das mulheres.
> Vem um maroto... faz-lhes pé d'alferes...
> Entregam-se... e depois, todas n'um pranto,
> Dizem ao mundo: -Eu amava-o tanto! -
> E o mundo perdôa... Põem gatos
> Na virtude,—e está bem! Poncio Pilatos
> Lavou-se na bacia... as barregãs
> E' no *bidet* do amor, e ficam sãs.

Os irmãos Rosas, uns puritanos em materia de moralidade, não gostaram d'aquella lavagem das barregãs no *bidet do Amor*, que podia offender os manes de Garret e a pudicicia do publico.

Como não gostassem, devolveram ao sr. Abel Accacio o drama *Germano*—assim se intitula a peça incriminada—acompanhando-a das rasões que o baniram do Olympo da praça de D. Pedro. O poeta replicou, os srs. Rosas treplicaram, e d'ahi uma disputa accesa, em que se disseram as ultimas.

Epilogo:—os dramaturgos portuguezes, aves raras, como os bons tenores *di cartello*, e por isso mesmo dignos de um incentivo que os leve a trabalhar e a produzir, continuarão a permanecer, como até hoje, á mercê do favoritismo omnipotonte das emprezas theatraes ou da critica *auctorisada* do primeiro galan que se arvore em homem de lettras.

E no entanto, o *Germano* do sr. Abel Accacio, como a *Perola* do sr. Marcellino de Mesquita, passando dos dominios da litteratura dramatica para o campo das explorações do escandalo, alcançará um ruidoso successo no theatro do Principe Real. Desde já lh'o agoiramos.

Conflicto numero 4:—o da empreza do Gymnasio com o author do *lever de rideau, Uma noite de nupcias*. Diz-se que esta preciosissima joia poetica foi mandada retirar da scena pelo interessado, porque era representada com desleixo pelos artistas.

Todavia, os maliciosos—que sempre os ha e em toda a parte—pretendem ver no *veto* posto ás exhibições da fina *bluette*, motivos d'uma ordem bem diversa. Um d'elles, até, mais endiabrado e escarninho que todos os outros juntos, aconselha-nos a *chercher la femme*, causa originaria do conflicto, mas nós não seguimos o conselho. Somos discretos...

E além d'estes, que ahi apontamos, houve ainda uma boa meia duzia d'elles, adoçados pela orchestração harmoniosissima de varios concertos matinaes e nocturnos, concertos d'amadores com arrojos lyricos espaventosos, musica de Back e de Strauss, perfumes caros do Godefroy e do Benard, bellezas estonteadores de todos os quilates e de todos os generos; concertos grandiosos a favor d'artistas desventurados e illustres, com bellos *duettinos* cantados por Masini e Cotogni, e por Cotogni e Schalchi, estrophes sentidissimas suspiradas pela actriz Virginia, homenagens consagradas, por entre harmonias e lagrimas, a um grande e misero actor, que ahi morre lentamente para a Arte, depois de ter vivido tão depressa para a gloria.

Até as costureiras e creadas de servir asyladas tiveram o seu concerto. Houve-os para tudo e para todos, que a semana, assim como foi prodiga em notas desharmonicas, quiz sel-o, tambem, em festas sympathicas de caridade.

E se o não fosse, esta pagina ficaria talvez em branco, com o que tu, gentil leitora, lucrarias muito, e eu tambem.

CASIMIRO DANTAS.

TRAGEDIA INFANTIL

IV

O CRIME

No entanto o pequeno andava
Rubro como o sol dos tropicos;
No craneo ardia-lhe a lava
De mil projectos ciclopicos.

Sobre um rochedo improvisa
Uma torre entrincheirada,
Mais baixa do que a de Piza,
Mas muito mais inclinada.

Mas faltam-lhe inda nos mastros
As victoriosas bandeiras,
Desfraldadas pelos astros
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi
Bandeiras por toda a parte.
—«E o vestido de Mimi?!
Que esplendoroso estandarte!

«Mas que demonio! Bebé
Desata logo a chorar!...
E' o mesmo!» E pé ante pé,
Como um ladrão, de vagar,

Chega-se ao leito o selvagem.
Como ella dorme tranquilla!...
Sente remorsos... Coragem!
Tremem-lhe as pernas, vacilla.

Bem sabe o grande malvado
Que vae tornar-se um ladrão;
Mas se o vestido é encarnado,
E é novo... Que tentação!

Não resiste á maravilha;
Lança-lhe as mãos... N'esse instante
Acóde Bebé, e pilha
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,
Fica levado da bréca,
E a pontapés homicidas
Racha a cabeça á boneca.

Bebé, vendo a filha morta,
Soltou um grito estridente,
Como uma flecha que corta
O azul instantaneamente.

A familia corre afflicta,
Supondo qualquer desgraça:
Ergue a mãe a pequenita;
Quasi o choro a despedaça.

—«Filha que tens?... que agonia!...
«Tu cahiste?... Doe-te... Aonde?
«Valha me a virgem Maria!
«Que tens?!...» Bebé não responde.

Grita, rebenta, espolinha,
Já quasi que estrangulada;
A avó, a santa velhinha,
Promette-lhe marmelada:

Jura o pae que ha-de *ensinal-a*,
Se não disser o que tem.
Mas é escusado; não falla,
Não obedece a ninguem.

Quer o pae dar-lhe um açoite;
Cobre-a o perdão com a aza.
Descem as sombras da noite...
Vão todos entrando em casa.

(*Continúa*). GUERRA JUNQUEIRO.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

O CERCO DE DRESDE

A situação do corpo de exercito de Gouvion-Saint-Cyr deixado de guarnição em Dresde, era verdadeiramente grave.

O exercito francez, depois de uma serie de victorias, que lhe tinham restituido rapidamente o seu antigo prestigio, caira de novo subitamente no mais profundo abysmo, em resultado do formidavel desastre de Leipsick, e da defecção successiva dos seus alliados allemães. Um retirada precipitada foi o unico recurso que ficou a Napoleão, e as guarnições, que elle deixára semeadas por toda a Allemanha, achavam-se por conseguinte cortadas do grande exercito, e em perigo imminente de serem prisioneiras do inimigo.

Foi este um dos poucos erros militares que Napoleão commetteu em toda a sua carreira, erro militar que não era senão a consequencia de um dos seus numerosos erros politicos. A avidez de territorio, que o dominou até á ultima hora, fazia com que só a muito custo abandonasse as suas conquistas, e nem pensava ao menos o grande capitão que essas praças que lhe paralysavam milhares de soldados, que tanta falta lhe faziam no campo de batalha, cairiam de novo em seu poder, sem disparar um tiro, logo que a victoria lhe sorrisse de novo n'uma serie de batalhas felizes.

Não o percebeu assim, e deu-lhe isso em resultado o faltarem-lhe para a defeza da França, na hora critica do seu destino, não só os milhares de soldados que guarneciam essas praças, mas sobretudo alguns dos seus mais illustres e mais habeis generaes, como eram Gouvion-Saint-Cyr, que ficára em Dresde, e Davout, que ficará em Hamburgo.

A defeza brilhante de Dresde mostrou bem a falta que deviam fazer a Napoleão os talentos militares de Gouvion-Saint-Cyr, general que aliás nunca fôra seu favorito.

Era embaraçosa a situação em que este se encontrava, tendo de defender com um pequeno corpo de exercito uma cidade mal fortificada, cujos habitantes lhe eram na maior parte hostis e partilhavam o sentimento nacional da Allemanha contra os Francezes.

Teve d'isso provas evidentes quando, no dia 31 de outubro, appareceram incendiados os armazens de forragens, sem ninguem saber quem lhes deitára fogo. Percebeu-se porém perfeitamente que os incendiarios estavam de accordo com os inimigos; porque com o incendio dos armazens coincidiu um vigoroso ataque dos sitiadores, que foi tambem vigorosamente repellido.

Gouvion-Saint Cyr bem percebia que o cerco só podia terminar por uma capitulação. Por muito feliz que fosse na nova campanha que ia emprehender, o grande imperador, não podia aspirar a mais do que a salvar o territorio francez, e as operações não podiam ser tão rapidas que a paz ou o armisticio viessem antes de soar a ultima hora da defeza de Dresde. Sabia por conseguinte perfeitamente que havia de capitular, mas queria obter uma capitulação honrosa, e para isso organisava a defeza com tanto vigor, como se tencionasse passar o inverno em Dresde.

Gomes Freire de Andrade era um dos confidentes dos mais secretos pensamentos do marechal, e era um dos que mais ardentemente o coadjuvavam, encarregando-se especialmente da policia da cidade, onde o partido anti-napoleonico, que era immensissimo, não ousou fazer nem a mais leve demonstração.

Gouvion-Saint-Cyr, surdo a todos os murmurios, sabendo que podia contar com os seus Francezes, porque eram todos soldados briosos, com os quatro mil Polacos que faziam parte do seu corpo de exercito, porque esses eram capazes de morrer desde o primeiro até ao ultimo, antes do que entregar-se aos Austriacos e aos Russos, que podia contar com Gomes Freire de Andrade e o general Douronel, que lhe respondiam pela manutenção da ordem em Dresde, entregava-se com uma tal actividade aos trabalhos de defeza, que parecia que da salvação d'aquella praça dependia a salvação da França.

Havia grande falta de viveres e de forragens. Gouvion-Saint-Cyr mandou uma força de seis mil homens fazer em tres dias seguidos tres sortidas para forragear. As primeiras duas deram excellente resultado, colheram-se viveres em abundancia, sem grande derramamento de sangue. Da terceira vez os viveres que vieram foram poucos e as perdas que os Francezes tiveram foram muitas.

Foi necessario por conseguinte reduzir o exercito francez a meia ração, desprezar os receios da epidemia que se manifestaram em Dresde, onde grassavam os typhos com tal força, que chegou a haver 200 a 250 obitos por dia.

Mandou Saint Cyr levantar entre os differentes reductos grandes parapeitos de terra, arrazou sem piedade todos os edificios que podiam embaraçar a defesa, e n'essa situação aguardou os ataques do inimigo.

Não se fizeram esperar. No dia 3 de novembro houve uma investida geral. Em torno do pequeno reducto que cobria a porta de Messen se travou sobretudo mais rija peleja. Furioso com a resistencia, o general russo Tolstoi mandou columnas sobre columnas ao ataque, e tantas mandou que afinal os sitiadores, subindo pelos cadaveres dos seus camaradas, conseguiram entrar no reducto, sendo isso para elles signal de grande rogozijo e triumpho. Gouvion-Saint-Cyr, comtudo, que não perdia a cabeça, e preparava muito a sangue-frio as suas manobras, vendo que as forças que tinham occupado o reducto haviam ficado momentaneamente cortadas do resto do exercito, aproveitou immediatamente o momento propicio, lançou uma forte columna a passo de carga sobre os

conquistadores. Este turbilhão, entrando de bayoneta calada, como então se dizia, pela gola do reducto, apanhou tanto de surpresa os inimigos, que alguns d'elles não tiveram senão tempo de saltar pelas canhoneiras e pelos parapeitos, ficando todos os outros mortos ou feridos. Só os mortos que se empilharam n'aquelle pequeno espaço em que se travára o combate, foram dois mil quinhentos e sessenta, e esses só dos inimigos.

Gomes Freire de Andrade, que visitou o reducto depois de reconquistado, recuou com espanto diante de tamanha carnificina, e o mesmo succedeu a Xavier Banha, já então tenente, que vira comtudo a enorme mortandade da batalha de Moskowa.

Foi debaixo da impressão d'esta lucta homerica que se principiou a tratar da capitulação, e foi assim que Gouvion-Saint-Cyr obteve a mais honrosa das capitulações.

Effectivamente obrigou-se apenas a evacuar Dresde em seis dias, saindo em cada dia uma columna com direcção a Strasburgo. Essas columnas deviam receber viveres, alojamentos e etapes, e jurar que não serviriam contra os colligados, emquanto não fossem trocados os soldados capitulantes por egual numero de prisioneiros colligados.

Convencionou-se além d'isso:

Que os officiaes conservariam as suas armas e bagagens, que o mesmo succederia ao batalhão da guarda imperial, que fazia parte da guarnição, e que sairia metade com a primeira columna e outra metade com a ultima, e que sairia igualmente meio parque de artilharia com peças, que eram do arsenal de Paris, com as competentes munições e murrão acceso.

Como se vê, eram concedidas á guarnição as maximas honras militares.

A capitulação foi publicada no dia 12 de novembro, firmando-a as assignaturas dos generaes russo e austriaco, francez. No dia 13 saio a primeira columna, e no dia 18 saio a ultima, commandada por Gomes Freire de Andrade. Só então podiam, segundo os termos da capitulação, os inimigos entrar na cidade.

No dia 20 estavam os Francezes em Kemnitz quando se lhes ordenou que fizessem alto, e, dias depois, o marechal Saint-Cyr recebeu a estranha communicação de que o principe de Schwartzemberg não approvára a capitulação, e de que ordenava que os Francezes fossem collocados de novo em Dresde, na situação em que estavam quando a capitulação se assignára, ou marchassem para a Hungria, como prisioneiros. Era a violação mais completa, que até ahi se vira, dos principios mais elementares das leis da guerra. Teve porém de se obedecer.

Ahi marcham, caminho da Hungria, os soldados francezes, que só voltaram ao seu paiz depois da paz. Com elles foi Gomes Freire e o seu estado maior. Theotonio Banha é que não seguio o mesmo destino. Perdendo-se dos seus companheiros n'uma das marchas, caio nas mãos de uns cossacos, que o levaram para Dresde, onde o general russo que alli commandava o queria mandar para Varsovia; mas uma intervenção benefica fez com que fosse conduzido para Berlim, onde esteve doente. Depois de restabelecido, concedeu-se-lhe que seguisse para a Hollanda, não já como official do exercito francez, mas como Portuguez, e por conseguinte como alliado. Só a 27 de junho é que partio emfim para Portugal, aonde chegou no dia 21 de julho, depois de seis annos de ausencia.

Estamos chegados as fim da nossa tarefa. Theotonio Banha foi o nosso principal guia, e temol-o em Portugal, residindo em Setubal, onde exerceu o logar de guarda-mór da estação da saude, e onde morreu no dia 2 de maio de 1853.

Só nos falta tratar da liquidação, por assim dizermos, dos restos d'aquella tão gloriosa como desgraçada legião.

PINHEIRO CHAGAS.

D. IZABEL CORREIA

16... 1694

Esta D. Izabel Correia ficou sendo uma charada para a posteridade. Sabe-se apenas que floresceu no reinado de D. Pedro II, que nasceu em Lisboa, e que foi dotada de uma memoria prodigiosa. Foi tambem a mais notavel polyglota do seu tempo, porque além do conhecimento que teve do grego e do latim, fallou com admiravel perfeição as linguas castelhana, italiana, franceza e allemã.

Ignoram-se ainda hoje as razões que teve D. Izabel Correia para se expatriar, na propria occasião em que era grande o seu renome como poetisa, e, segundo affirma Costa e Silva, as suas decisões litterarias consideradas como oraculos.

O facto é que D. Izabel Correia deixou a terra:

....Onde vecêja a rosa
Onde a leve mariposa
Se espanêja á luz do sol

e foi para a Hollanda curtir saudades da patria, crê-se, não sem fundamento, que para se esquivar ás ardentes caricias da inquisição, que no moralissimo reinado do irmão de D. Affonso VI, olhava de revez para os christãos novos, tendo-os na conta de bestas feras, indignas de viver na pudibunda sociedade de que era centro a casta mulher de dois maridos, que no seculo se chamava D. Luiza de Saboya.

Parece caso averiguado ter D. Izabel Correia pertencido a uma familia judia. O silencio do abbade Barbosa Machado ácerca da sua ascendencia, confirma em parte as suspeitas da posteridade sobre a pouca limpeza de sangue da talentosa poetisa. O orthodoxo abbade de Sever não teria deixado de lhe pesquisar os pergaminhos, se não houvesse tido receio de sujar-se com as impurezas dos avós de D. Izabel Correia.

O facto é que ella foi fixar a sua residencia em Amestardam, onde viveu muito estimada não só dos litteratos castelhanos e portuguezes ali residentes, mas até dos naturaes do paiz, acrescenta Costa e Silva.

Muda de terra, mudarás de fortuna. Este proverbio parece ter tido inteira applicação com referencia á nossa poetisa.

A Hollanda é, como se sabe, a terra da boa fé, da chanternidade, do viver pacato. E' de crêr que D. Izabel Correia, com os predicados que ja lhe conhecemos, désse sotta e áz ás damas de Amestardam, principalmente a ser verdadeiro o parallelo que o cavalheiro d'Oliveira fazia meio seculo depois, entre ellas e as nossas compatriotas.

Dizia assim o jovial secretario do conde de Tarouca:

«*Não são as Hollandezas tão formosas como as simples de Portugal, porém podem sustentar conversação com as feias da minha patria. Em condição tambem se não igualam. Estas são tão sinceras como as outras parecem rudes. Uma portugueza industriosa não terá difficuldade em lograr (como ellas dizem) todas as hollandezas juntas.*»

Eu não sei se D. Izabel Correia teve titulos e artes para entrar na lista das portuguezas a quem o cavalheiro d'Oliveira chamou *industriosas*. Inclino-me porém a acreditar que sim.

Não viveu D. Izabel Correia ociosa no seu voluntario exilio. Fundou uma academia, traduzio de italiano *El Pastor Fido*, publicando tambem muitas e diversas poesias, hoje completamente esquecidas, não por falta de merecimento, diz-se, mas por haverem sido impressas longe da patria. (a)

O auctor do «Theatro Heroino» ou, como elle tambem lhe chama, do «*Abecedario historico, e catalogo das mulheres illustres em scienias e artes liberaes*» tece rapido mas honroso louvor á nossa poetisa, estando do mesmo accordo o padre Antonio dos Reis, da Congregação de Oratorio, no seu poema latino intitulado «*Enthusiasmus Poeticus.*»

Nós, porém, que damos pouco pela critica de padres e de frades, e que não lêmos as poesias de D. Izabel Correia, não sabemos se devemos fazer surriada á inquisição pelo logro que lhe pregou a poetisa fugindo-lhe das garras; se lastimar que o Santo Officio fosse vilipendiado por uma hereje e relapsa em materia de religião, e leiga em assumptos litterarios.

(a) Nos archivos e livrarias de Amestardam existem muitas obras de auctores portuguezes, em prosa e em verso. O fallecido e illustrado conselheiro Saraiva de Carvalho, proprietario que foi da livraria que pertencêra á familia Bertrand tencionava encarregar pessoa habilitada de visitar as bibliothecas publicas de Hollanda, para adquerir os livros que lá existem, escriptos por judeus expulsos de Portugal, preenchendo assim uma lacuna sensivel da nossa litteratura. A morte não lhe deu tempo a executar o seu projecto.

L. A. PALMEIRIM.

A JOSEPHA

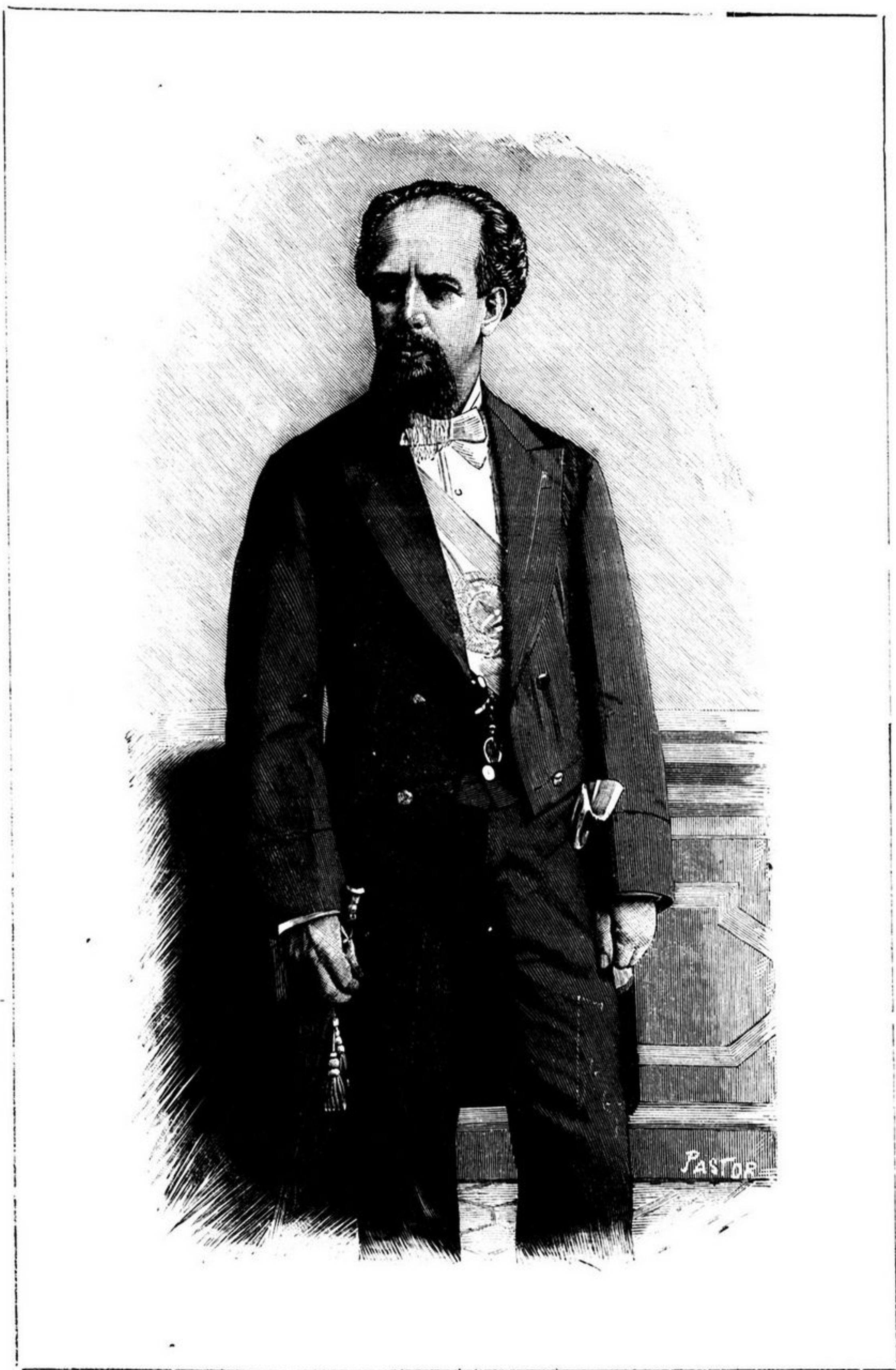
O Zé Fogacho encontrava-se totalmente só. A pobre da tia Rita succumbira, finalmente, a um d'aquelles terriveis ataques de asthma, que a faziam soprar como uma baleia, noites inteiras, defronte da janella aberta, aspirando nuvens de fumo de figueira do inferno; e perdida aquella derradeira companhia, o Fogacho sentia pezar-lhe na consciencia, como o tronco adusto de um pinheiro secular, a sua vida de celibatario.

Restava-lhe, como ultima consolação n'aquelle isolamento monotono e triste, a sua pobre Josepha.

Não se imagine que a Josepha era alguma rapariga do logar ou alguma velha que o conhecia de infancia.

A Josepha era, simplesmente, uma formosa coelha branca, que elle salvára, por mais de uma vez, das furias culinarias da tia Rita, em dias de festa obrigados a luxo de meza.

O meigo animal, dotado de um instincto superior aos da sua raça, conhecia-o como se fosse um cão.

Quando elle, ás ave-marias, cançado do trabalho, recolhia a casa, de enchada ao hombro e fouce no braço, ella vinha, a saltos curtos, de mãos estendidas e pernas juntas, lamber-lhe as mãos e

JULIO A ROCA

PRESIDENTE CONSTITUCIONAL DA REPUBLICA ARGENTINA

O Zé, meditabundo e reflectido, tinha saudades do tempo em que a tia Rita lhe vinha trazer as sopas e contar os escandalos da visinhança; agarrava a coelha, deitava a no colo, accendia o cigarro, e sentava-se na soleira da porta, até que a noite o fazia recolher á cama.

A Josepha dormia com elle.

Deitava se-lhe no braço, estojava o focinho de encontro ao travesseiro, estendia as longas orelhas assetinadas e brancas sobre o lombo, e dormia a noite toda na mesma posição.

Instinctivamente, o Fogacho começou a ver na coelha a substituta da tia Rita.

E' verdade que ella não lhe fazia as sopas, mas em compensação dava-lhe beijos e não lhe dizia mal dos visinhos.

De manhã muito cêdo, elle ia para o campo, e a coelha para o quintal.

Passaram-se assim mezes.

Aquella vida começava a aborrecer-lhe.

Era um desolação enorme.

Tinha chegado o verão, e a exhuberancia vital da natureza, os dias calmos e azues, as noites estrelladas e quentes fizeram-lhe lembrar o casamento, cousa em que elle, até ali, jámais pensara, não porque lhe faltasse noiva, mas o seu genio regrado e amigo da tranquillidade fazia-lhe temer aquella eterna responsabilidade obrigatoria. Depois, já tinha quarenta annos, a edade das paixões evolara-se-lhe de há muito entre as lembranças pallidas d'alguns namoricos sem importancia. A casar-se, necessitava de uma mulher para lhe governar a vida, e não para o incommodar.

Começou a fazer visitas á tasca da *Euphemia do Manel*, uma viuva de trinta e seis annos, com tres filhos menores e fama de endinheirada.

O Fogacho tambem avesava, e visita hoje, visita amanhã, o namoro declarou se e fallaram em casamento.

A Josepha, no entanto, continuava a lamber-lhe as mãos quando elle entrava, e a deitar-se a seu lado todas as noites.

O Zé tinha pela coelha uma affeição meio instinctiva, meio supersticiosa.

A coelha representava um presente d'uma sua afilhada, que morrera de variola aos dez annos e passava no sitio por milagrosa, e o Zé procurava sempre uma occasião de ser agradavel ao innocente animalsinho.

Mas, como o amor pela coelha não o privava do amor do proximo, as suas relações com a Euphemia foram tomando volume, pertencendo ao dominio da freguezia, até que um dia casaram.

De novo a casa do Fogacho adquirio uma animação desusada; elle largou o campo, tomou o balcão, a vida corria prospera, e a Josepha dormia entre dois toneis abandonados, saudosa da cama do dono, porque a Euphemia não a permittira no thalamo conjugal.

O Zé embirrou um pouco com aquella expulsão feita á sua companheira de tantos mezes, mas não disse palavra.

Era homem sisudo, pouco amigo de suscitar questões.

A's noites, os amigos iam jogar para a tasca, e elle sentava-se fóra do balcão, com o cigarro ao canto da bocca, os olhos semi- cerrados, as mangas arregaçadas, e a Josepha nos braços, até á hora de despedir os freguezes e fechar a porta.

A Euphemia começava a embirrar com a coelha.

O marido fazia festas ao animal e era frio para com os enteados. Sempre que podia enxotava a coelha, que fugia espavorida.

Uma noite, o Fogacho surprehendeu-a e gritou-lhe com voz aspera, secca, imperiosa, que tinha o seu tanto ou quanto de ameaçadora:

—Deixa a coelha, mulher!

Passaram-se mezes, durante os quaes a Euphemia não afugentou mais a Josepha, para evitar questões.

Uma tarde, porém, o João, o mais velho dos filhos da Euphemia, apanhou a Josepha em flagrante, a comer um admiravel repolhinho de alface, fresco e appetitoso, que elle tinha preparado para um grilo apanhado da vespera. Agarrou n'um pau e deu uma cacetada na coelha, que soltou um guincho. O Fogacho entrava n'essa occasião, vio tudo, e, arrebatadamente, atirou ao rapaz um furioso pontapé. O João cahio de bruços, soltando um berro, e partiu o nariz na arca que estava encostada á parede. A mãe accudiu, e quando vio o filho com a cara escorrendo sangue, chorando e gritando com dores, e soube que a coelha fôra a causadora d'aquella brutalidade, explodio o seu odio contra o inoffensivo animal e jurou matal-o.

O Fogacho, no entanto, aguardentava um barril de almude, sem responder palavra, e á noite, como de costume, sentou-se no seu banco, fóra do balcão, fumando um cigarro e passando a mão denegrida pelo lombo sedoso e fino da Josepha, que se aconchegava muito a elle, com medo da Euphemia

Por diante d'elle passou a mulher, carrancuda e reservada, lançando á coelha uns olhares de odio.

Isto passou-se n'uma quinta-feira; no domingo de manhã o Zé foi abrir a venda e admirou-se muito de não ver a Josepha, que apenas o pressentia saltava d'entre os toneis e vinha lamber lhe as mãos e fazer-lhe festas até que elle lhe dava o almoço.

O Fogacho chamou por ella, espreitou por entre os toneis, mas a coelha não apparecia.

—Euphemia—gritou com voz tremula.

—Que queres tu? respondeu a mulher, que já estava levantada.

—Viste a Josepha?

—Eu não, homem.

O Zé poz o barrete e foi ao quintal.

Parou, muito pallido e surpreso, e olhou para a porta d'um modo estranho, talvez esperando que a mulher o tivesse seguido.

Deitada de lado, com as patas estendidas, o olhar vitreo, e o pello branco e sedoso levemente enxovalhado pela areia do solo, jazia a pobre Josepha.

O Fogacho sentiu arrasarem-se-lhe os olhos de agua, agarrou no cadaver da coelha, que de mais a mais estava gravida, e levou-a para casa.

—Quem matou a Josepha? berrou elle com voz de trovão, ao passo que os olhos se lhe injectavam de sangue e as narinas lhe tremiam ameaçadoras.

Os rapazes começaram a chorar e juraram não terem sido elles.

A mãe, então, encheu-se d aquella coragem atrevida, peculiar ás mulheres, e exclamou com arreganho:

—Fui eu, fui eu que a matei; estava farta de te ver sempre atrassalhado ao diabo da coelha.

—O Zé poz no chão o cadaver da que fôra sua fiel companheira, agarrou no mocho de pinho, e cego de ira cresceu para a mulher.

—Ah! fostes tu, grande est...

O banco volteou no ar e foi cahir, como uma maça, na cabeça da Euphemia, que soltou um grito e baqueou por terra com o craneo aberto, jorrando sangue.

Os rapazes fugiram espavoridos e foram chamar o regedor.

O Fogacho era um homem estimado na terra e a amizade que tinha á Josepha adquirira fama. Foi porém preso, mas admittiram-lhe fiança. Quando chegou a casa era quasi noite. Cahia uma chuva miudinha e fria. O Zé agarrou no cadaver da coelha, que tinha ficado para ali sem ninguem fazer caso d'elle, dirigiu-se ao quintal, atou-lhe ás pernas duas enormes malhas do chinquilho, suspendeu-a pelas orelhas e encaminhu-se até ao poço, que tinha uma profundidade descommunal.

A lua furava a neblina e tremulava lá muito em baixo, na superficie lisa das aguas tranquillas do poço.

O Fogacho deixou cahir a Josepha.

A agua agitou-se, ouviu-se um ruido que punha estremecimentos no coração, depois, pouco a pouco foram serenando, ate que se tornaram lisas e socegadas como um espelho.

O Fogacho conservou-se inclinado á beira do poço. A lua appareceu no ceu plenamente, clara e formosa como uma inspiração poetica.

A agua do poço foi ferida por qualquer cousa pesada e pequena, que a fez scintillar, formando um circulo, que se foi alargando rapidamente, até desapparecer de todo.

Fôra uma lagrima do Fogacho, que envolta n'um raio de luar, acabava de cahir sobre o cadaver da coelha, amortalhada no fundo do poço por dezenas de braças de agua socegada e fria.

ALFREDO GALLIS.

AS NOSSAS GRAVURAS

ESTRADA DE S. JOSÉ, NO PARÁ

Entre as innumeras bellezas que se encontram na formosissima cidade do Pará, merecem especial menção as suas *estradas*, —ruas muito extensas, e em linha recta — orladas por ambos os lados de renques de frondosas arvores, cuja corpolencia é completamente desconhecida na Europa.

Uma d'essas *estradas*, a que a nossa gravura representa, em vez de arvores ordinarias, é guarnecida de palmeiras, cujos troncos robustos e direitos terminam por uma frondosa coma, muito extensa; a quem a olha de uma das extremidades, parece uma comprida columnata sustentando uma abobada de verdura.

A belleza do arvoredo, a grande extensão que faz com que as ultimas arvores pareçam apenas sahidas do solo, tudo concorre para fazer das *estradas* um encantador passeio.

JULIO A. ROCA

(PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA)

O general Julio Roca, actual presidente da Republica Argentina, conta apenas 42 annos de edade, e é natural da provincia de Tucuman, uma das 14 que formam a federação argentina.

Pela ordem constitucional a que está sujeita a renovação do governo do Estado n'aquelle paiz, faltam apenas alguns mezes para Julio Roca entregar o poder ao successor que os povos elejam.

O PAPA LEÃO XIII E O SEU CONSELHO PRIVADO

MONSENHOR LUIZ JACOBINI

O PAPA LEÃO XIII

MONSENHOR JOSÉ PECCI

MONSENHOR CARLO SACCONI

MONSENHOR MASSAIA

MONSENHOR HOWARD

MONSENHOR SIMEONI

MONSENHOR MERTEL

Durante o seu governo de seis annos, que finalisarão em outubro proximo, tem cumprido leal e patrioticamente o seu programma encerrado na seguinte phrase: «Paz e administração».

Os factos transcendentes da sua carreira publica, que o designaram candidato á presidencia, auguravam, desde a sua eleição, o exito da sua politica conciliadora e progressista.

Julio Roca havia figurado com gloria na guerra do Paraguay e nas luctas civis, sempre como soldado da ordem, ganhando os differentes postos militares no campo da honra. Batera-se com valor heroico, em 1874, na memoravel batalha de Santa Rosa, contra um dos principaes caudilhos da Republica, cingindo a fronte com os loiros do triumpho, e realisara em 1870, sendo ministro da guerra, a famosa expedição ao rio Negro, feito que se reputava prematuro e só destinado a verificar-se dentro de um ou dois seculos.

O feliz successo d'esta audaciosa tentativa foi origem immediata da sua elevação á presidencia.

Nenhuma das promessas do general Roca deixou de ser cumprida, distinguindo-se o seu governo por uma marcada tendencia para a fusão dos interesses internacionaes, compromettidos nas questões de limites com o Chili e o Brazil.

Durante a sua administração, o general Roca, por meio das mais difuzas publicações, tem buscado attrahir para o seu paiz os olhares indifferentes do norte da Europa e do norte da America.

Prestes a deixar o governo, o actual presidente volverá ao seu lar domestico com a fronte serena e a consciencia tranquilla, podendo ter a satisfação de dizer que governou sem violencias e que durante a sua administração, se o deixaram alguns amigos exigentes, a maioria dos adversarios o coadjuvou no seu governo, associando-se espontaneamente á sua politica, convencidos de que o principal motor das suas acções foi sempre um patriotismo sincero, e o melhor desejo pelo bem estar geral, constantemente demonstrado e energicamente cumprido.

O PAPA LEÃO XIII E O SEU CONSELHO PRIVADO

Debateu-se ha poucos mezes, entre a Hespanha e a Allemanha, uma questão gravissima, que esteve para acabar em pugilato tremendo. Os allemães, querendo a todo o transe estender o seu dominio colonial, haviam-se apoderado d'algumas ilhas do archipelago das Carolinas, pertencentes á Hespanha. Esta fez valer os seus antigos direitos de possessão e descoberta, reclamando contra o acto arbitral dos allemães, mas a orgulhosa Germania respondeu-lhe com o arreganho de nação mais forte, dizendo que não reconhecia aquelles direitos como legitimos e indiscutiveis.

D'ahi, conforme é sabido, um tiroteio d'injurias e doestos, que attingio quasi as proporções d'uma guerra a ferro e fogo.

Estavam as coisas, por um triz, a desandar em conflicto armado, quando a diplomacia consegue arvorar o Papa Leão XIII em arbitro do litigio. E bem avisada andou a diplomacia em escolher o Summo Pontifice para medianeiro entre as duas nações litigantes. Graças ao bom senso e intelligencia com que o Papa, depois de ouvido o parecer do seu conselho privado, resolveu o assumpto, hespanhoes e allemães voltaram de novo ás boas, estreitando-se entre elles as mais cordeaes relações.

Como a questão teve ainda ha pouco o seu epilogo, julgamos ser agradaveis aos nossos leitores, dando-lhes hoje os retratos do Papa Leão XIII e dos Cardeaes seus conselheiros, que intervieram no conflicto das Carolinas.

O PAPA LEÃO XIII

O Papa Leão XIII, Joaquim Pecci, descende de uma antiga familia patricia do Carpinetto. A sua figura é esbelta, a sua fronte serena, rasgada, franca. Dizem que a voz do Chefe da Egreja é sonora e insinuante, como convém á palavra fallada em nome do Christo.

No trato e viver intimo, o Pontifice foi sempre lhano, affectuoso, amoravel; no exercicio das suas elevadas funcções ecclesiasticas, grave, magestoso, mas austero.

Leão XIII nasceu em Carpinetto a 2 de março de 1810.

Gregorio XVI conferiu-lhe, no dia 16 de março de 1837, a dignidade prelaticia. Pouco depois despachou-o como seu enviado para Benevente, Spoleto e Perouse. Em todos estes cargos Joaquim Pecci prestou relevantes serviços, produzindo tão profunda reforma nos costumes publicos, que a estatistica dos crimes apresentou sempre uma differença considerabillissima.

A sua caridade, verdadeiramente evangelica, a sua equidade, a sua firmeza, tornaram desde logo o seu nome celebre.

Em 1843, o mesmo Papa Gregorio XVI, o mais profundo conhecedor dos homens, e o mais penetrante dos espiritos, elevou-o á dignidade archiepiscopal, nomeando-o nuncio apostolico em Bruxellas.

Foram immensas as sympathias que ali mereceu o sr. de Pecci, e inequivocas as distincções com que o considerou Leopoldo I.

Em 19 de dezembro de 1853 foi feito cardeal por Pio IX, conservando-se na diocese de Perouse, ultima que confiára aos seus esclarecidos cuidados o Papa Gregorio XVI.

D'então até á eleição que o proclamou Chefe da Egreja, o cardeal Pecci revelou sempre o sentimento das maiores virtudes, vencendo com raro tino todas as crises politicas que se succederam n'um longo periodo de agitações e incertezas.

Em 1877, depois da morte do cardeal Antonelli, voltou para Roma, sendo nomeado camerlengo por Pio IX, e confiando-se-lhe, por morte d'este pontifice, o governo da Egreja.

CARDEAL LUIZ JACOBINI

O cardeal Luiz Jacobini, secretario d'Estado de Leão XIII, nasceu em Genzano, a 5 de janeiro de 1832. Fez os seus estudos em Roma, e distinguiu-se por tal forma n'elles, que mereceu ser nomeado, ainda muito novo, secretario da *Propaganda* para os negocios do rito oriental.

Em 1857 deram-lhe a nomeação de canonico lateranense, e de 1859 até 1868 conservou-se addido á secretaria d'Estado no Vaticano. Em 1860, o Papa escolheu-o para levar o barrete cardinalicio ao arcebispo de Compostella e de Burgos, e á volta nomeou-o Prelado Domestico. Em 1869 exerceu as funcções de sub-secretario no Concilio do Vaticano. O Papa Leão XIII, apreciando os grandes meritos d'este Prelado, fel-o arcebispo de Thessalonica, em março de 1874, e nomeou-o, ao mesmo tempo, Nuncio Apostolico em Vienna.

Taes provas de talento deu monsenhor Jacobini, no exercicio d'este cargo, que Leão XIII chamou-o para junto de si e fel-o cardeal do titulo de Santa Maria da Victoria, confiando-lhe pouco depois as altas funcções de Secretario d'Estado e Administrador dos bens da Santa Sé.

Monsenhor Jecobini é, tambem, Prefeito da Sagrada Congregação Lauretana e faz parte das Congregações da Santa Inquisição Romana e Universal, dos Bispos e Regulares, da Propaganda para os negocios orientaes, do Ceremonial, dos negocios ecclesiasticos, dos estudos, etc.

CARDEAL JOSÉ PECCI

E' irmão de Leão XIII, e nasceu a 13 de dezembro de 1807 no Carpinetto.

Dotado de grande talento e apaixonado pelo estudo, aproveitou muito do ensinamento dos padres jesuitas, aos cuidados dos quaes fôra confiado. Pertenceu algum tempo á Companhia de Jesus, que abandonou depois dos acontecimentos politicos de 1848. O Summo Pontifice Pio IX consagrava-lhe particular estima, e deu-lhe d'isso um publico testemunho, nomeando-o professor de philosophia na Universidade Romana, cargo que José Pecci exerceu de modo a merecer a reputação de grande philosopho.

Leão XIII nomeou-o vice-bibliothecario da Santa Sé, e fel-o, em 13 de maio de 1879, cardeal do titulo de Santa Agatha *a la Suburra*.

CARDEAL CARLOS SACCONI

Nasceu a 9 de maio de 1808 em Montalto, e descende da nobre familia dos condes Sacconi. A principio foi professor de philosophia e pro-vigario geral na terra da sua naturalidade.

Em 1839, Gregorio XVI enviou-o, na qualidade de Auditor de Nunciatura, para a côrte do rei da Sardenha, e cinco annos mais tarde nomeava-o encarregado de negocios na côrte de Leopoldo II, grão-duque de Toscana. Em 1848, Pio IX enviou-o, como Internuncio, á Baviera, onde recebeu, pouco depois, o titulo de Nuncio.

Carlos Sacconi sustentou ali, energicamente, os direitos da Santa Sé.

Em 1853 foi enviado a Paris, na qualidade de Nuncio, recebendo por essa occasião, do governo francez, a Cruz da Legião de Honra.

Em 1861 foi creado cardeal do titulo de Santa Maria do Povo. Em seguida desempenhou as funcções de Economo, na Congregação da Propaganda, de Prefeito da Assignatura da Justiça, e de Pro-Datario.

E' decano do Sacro Collegio dos Cardeaes.

O CARDEAL GUILHERME MASSAIA

Guilherme Massaia, o grande apostolo da Africa Oriental, nasceu em Piová, diocese de Asti, a 8 de junho de 1809, e descende d'uma familia modesta. Chamado a Roma, Gregorio XVI consagrou-o bispo, em attenção aos seus elevados dotes intellectuaes, aos seus grandes talentos como philosopho e como theologo, e ás suas apregoadas e santas virtudes com sacerdote.

Os serviços relevantissimos prestados pelo imminente prelado á Egreja, muitos d'elles com risco da sua propria vida, levaram Leão XIII a nomeal-o arcebispo de Stauropoli e a creal-o cardeal do titulo de S. Vital em 10 de novembro de 1884.

O CARDEAL EDUARDO HOWARD

Nasceu em Nottingham a 13 de fevereiro de 1829 e foi creado cardeal a 12 de março de 1877.

Tem exercido, no Vaticano, cargos importantes e é muito considerado por Leão XIII.

O CARDEAL JOÃO SIMEONI

João Simeoni nasceu em Pagliano a 27 de dezembro de 1816. O Papa fel-o cardeal *in petto* a 15 de março de 1875, e creou-o cardeal a 17 de setembro do mesmo anno.

E' um sacerdote exemplar e illustradissimo.

CARDEAL THEODOLPHO MERTEL

Nasceu na diocese de Corneto, provincia de Alumière, em 9 de fevereiro de 1806. Doutorado em leis, confiaram-lhe, em 1831, o importante cargo de advogado da Curia Romana. Pio IX encarregou-o de redigir os projectos legislativos do Estatuto Fundamental dos dominios temporaes da Santa Sé, bem como os projectos da lei provincial e communal, dos Conselhos d'Estado e de Ministros, e da Consulta d'Estado para as Finanças. Em 1853, foi nomeado ministro do Interior, e dirigiu tambem os negocios da Justiça. Em 1858 foi creado cardeal diacono do titulo de Santo Eustachio, que mais tarde mudou pelo de Santa Maria *in via Lata*. Actualmente tem o titulo de S. Lourenço *in Damaso*, ao qual junta o cargo de vice-chanceller.

O cardeal Mertel exerceu, entre outros, os importantes cargos de Prefeito da economia da Sagrada Congregação de Propaganda, de Presidente do Conselho de Estado, de Prefeito da assignatura de Justiça, e de secretario dos Memoriaes.

E' uma das figuras mais proeminentes do Vaticano.

O ARCO DA RUA AUGUSTA, EM LISBOA

Diziam que se não acabaria nunca, como as obras de Santa Engracia: que havia de ser um monumento de seculos; que se conservaria em construcção emquanto Portugal existisse. Afinal, ha já uns poucos d'annos que o famoso Arco ahi se vê concluido, zombando, altaneiro, do erro dos prophetas.

O Arco da rua Augusta foi mandado construir pelo marquez de Pombal, depois da medonha hecatombe de 1755, segundo o plano do architecto portuguez, Eugenio dos Santos de Carvalho. Para concluir o arco, que ainda em 1843 não estava fechado, determinou o governo d'aquella epoca que os architectos em serviço na intendencia das obras publicas apresentassem os respectivos projectos.

Entre varios, approvou-se e mandou-se depois realisar o do architecto Verissimo José da Costa. A obra levou annos e annos a fazer, como todos sabem, mas por fim sempre se fez.

A parte architectonica do arco, até ao seu fecho, é d'uma correcção e elegancia de linhas admiraveis; d'ali para cima lancemos um veu sobre aquella tremenda vegetação das epocas primitivas, e contemplemos o magnifico grupo devido ao cinzel do esculptor Calmels.

Ali ha [tudo a admirar. E se a concepção artistica se deixou subordinar um pouco pelos preceitos de escola, a execução é admiravel, e honra o artista, e absolve o monumento dos defeitos que se lhe podem notar.

Cada uma das figuras manifesta claramente a idéa do esculptor, e tudo concorre n'ellas para a harmonia geral do grupo, que, podemos sem vangloria afiançar é um dos melhores da Europa e o mais monumental.

Das estatuas de Victor Bastos, ha a especialisar a de Vasco da Gama, que faz lembrar o esculptor do monumento a Camões, e a cabeça do Tejo, que é uma peça de estudo, e de trabalho consciencioso.

O estatuario Calmels ajustou pela guantia de 11:200$000 rs. a execução do grupo, e o sr. Victor Bastos por 9:000$000 réis as figuras que ornam o entablamento do arco.

O CHAFARIZ DO LARGO DAS NECESSIDADES, EM LISBOA

A nossa estampa representa o chafariz do largo das Necessidades.

O chafariz consta de um lago, tendo ao centro um gracioso e elevado obelisco, feito de uma só pedra.

Parte da praça das Necessidades está actualmente ajardinada.

CURIOSIDADES

AS FORMIGAS

Em uma interessante conferencia ha pouco realisada por John Lubbock no Royal Victoria Hall, de Londres, deu-nos este eminentissimo naturalista inglez noticias muito curiosas sobre a vida das formigas, ácerca da qual tem feito aturados e importantes estudos.

Depois de explicar a forma porque obteve formigas cuja vida exterior podesse ser estudada, conta Lubbock que havia entre ellas duas rainhas, pelas quaes todas as outras manifestavam um respeito extraordinario.

Segundo o conferente, as formigas d'um mesmo ninho não se guerreiam nunca, no que mostram ter muito mais *bom senso* que a humanidade. Em compensação, as de ninhos differentes estão em lucta continua e encarniçada

Para verificar se as formigas d'um mesmo ninho se conheciam entre si, Lubbock apanhou varias vezes umas poucas, de differentes formigueiros, misturou-as, e 'pol-as junto do orificio d'um ninho. As que não pertenciam a este, fugiram logo, perseguidas pelas outras.

Depois de estudar a faculdade do olphato e da vista nas formigas—a ultima muito menos desenvolvida que a primeira,—o conferente explicou todas as experiencias por elle feitas ácerca dos meios de communicação de que se valem estes insectos, e que são, realmente, admiraveis.

Algumas raças de formigas teem escravas, e nota-se tanto mais a indolencia que as caracterisa e que chega até ao ponto de se deixarem morrer de fome quando lhe roubam o auxilio d'aquellas, quanto essa indolencia contrasta d'um modo frisante com a laboriosidade caracteristica da especie.

Mr. Lubbock mostrou ao publico, com o auxilio do microscopio, interessantes especimens de formigas côr de rosa e de formigas pretas, e terminou affirmando que as faculdades mentaes das formigas se differençam das nossas só no grao de desenvolvimento, mas não na natureza das mesmas.

UMA PLANTA ELECTRICA

Foi ultimamente descoberta e estudada por um botanico allemão uma planta chamada *Fitolaca electrica*, que tem propriedades electrico-magneticas muito notaveis.

Se alguem quebrar um dos seus ramos, receberá uma commoção analoga á que se sente quando em conctato com uma pilha. A seis metros de distancia desvia a agulha magnetica. A intensidade das manifestações electricas varia com a hora em que se fazem as experiencias, notando-se o maximum ás duas da tarde, e sendo nulla durante a noite.

A VACINA NO JAPÃO

Ao passo que a vacina contra a variola é, ainda hoje, assumpto de discussão na Europa, os japonezes, perfeitamente convencidos da sua efficacia, fizeram uma lei, que é, sem a menor duvida, a mais rigorosa que se conhece sobre a materia.

Todos quantos ali nascem devem ser vacinados antes d'um anno d'edade, revacinados duas vezes com intervallos de cinco a sete annos, e tornados a vacinar uma quarta vez, antes de completarem quinze annos.

Além d'isso, as authoridades, em epoca de epidemia variolosa, teem o direito de fazer vacinar, se o julgarem opportuno, todos os habitantes da sua povoação, sem quererem saber se já foram alguma vez vacinados.

Se o Japão adoptasse, n'outros assumptos, medidas tão radicaes, e soubesse fazel-as cumprir, podia vir a ser um modelo para a Europa.

De passagem, diremos que a imprensa periodica está ali adiantadissima e quasi á altura da imprensa europea; e que, nas Universidades japonezas, foram já officialmente adoptados os livros de Darwin e Spencer.

PREOCCUPAÇÕES MALAIAS

Os indigenas de Malaia teem estranhas theorias sobre a origem das suas minas de metaes.

Mr. de la Croix, um engenheiro francez que esteve ha pouco n'aquelle paiz, conta que, quando visitou os mineiros de Salah, teve de descalçar os sapatos e fechar um guarda-sol que levava, para poder penetrar nas minas.

Creem aquelles indigenas que os metaes estão collocados sob a protecção de certos espiritos, e que estes se offenderiam profundamente se alguem ousasse tocar uma particula das substancias metallicas com a sola das botas, se o trage dos visitantes não fosse decente, e se algum d'elles levasse na mão um guarda-sol aberto.

Os espiritos protectores abandonariam logo a mina, levando comsigo toda a riqueza d'ella.

E' por isso que, á entrada de cada poço, os malaios costumam levantar um altar, junto do qual se fazem offerendas propiciatorias de fructas e chavenas de chá, e se disparam petardos em honra dos espiritos protectores.

SAPATEIROS ILLUSTRES.

Alegrem-se os fabricantes de calçado.

O ARCO DA RUA AUGUSTA, EM LISBOA

Linceo, o creador da sciencia botanica, foi aprendiz de sapateiro na Suecia.

José Bendrell, que ha poucos annos morreu em Londres, foi sapateiro, estudou depois, e acabou por ser um sabio.

David Pereus, celebre professor de theologia na Allemanha, era filho de um sapateiro, e exerceu tambem egual officio.

Benedicto Balduino, um dos homens mais sabios do seculo XVI, foi sapateiro, como seu pae; escreveu um tratado sobre o calçado dos antigos, e remonta-se, nas suas investigações, até Adão e Eva, provando que se usou calçado desde aquella epoca.

Holero't foi sapateiro, author de varias obras e critico distincto.

Outros sapateiros houve ainda, que foram homens muito celebres. Entre elles, citaremos Gifford, escriptor elegante do presente seculo, Copfreld, author d'obras bastante apreciadas, e Vinkelman, famoso antiquario allemão.

NAUTILUS.

VASSALLAGEM

(F.)

Como um vassallo aos pés de uma rainha,
De olhar patricio e fronte mysteriosa,
Uma radiante borboleta vinha
Ajoelhar-se defronte de uma rosa.

Tombava a noite... E o pequenino insecto,
Na delicada folha que o sustinha,
Fitava a rosa, indo ajoelhar-se inquieto,
Como um vassallo aos pés de uma rainha.

Ouve-me agora .. Aquella flôr tremente
Eras tu, eras tu, meiga andorinha!
E eu sou o insecto que, serenamente,
Se vem ajoelhar na tua frente,
Como um vassallo aos pés de uma rainha!

EUGENIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

CHARADAS

NOVISSIMAS

Não é boa n'este imperio, mas auxilia o trabalho—1—2.
Este planeta serve para medir este instrumento—3—2
Mulher, mulher, mulher—2—2
Todos temos na musica este peixe—3—1
Aqui, na Madeira, esta fera é um reptil—1—1—2
Sendo imperceptivel, este soffrimento incommoda—1—1

Arneiroz. J. L. PERPETUA

Dá sustento na Italia esta senhora—2—2
E' indispensavel este rio, por ser branco—1—2
Usam os medicos n'esta cidade para as mulheres—2—2

Ajuda. CAMILLO SEM PAVOR.

CHARADA CONIMBRICENSE

A primeira horisontal
guia o audaz marinheiro,
que, em dias de vendaval,
lucta co'o mar sobranceiro.

A segunda horisontal
sustenta a humanidade,
e alimenta o animal,
que ainda tem pouca edade

A primeira vertical
sem illusão nem engano,
é um deus tradicional
muito fero e deshumano.

A segunda vertical
é antiga vestidura,
e é nota marginal
d'um livro, ou d'uma brochura.

A primeira diagonal,
—meu charadista presado,
é movel regimental
muito q'rido do soldado.

A segunda diagonal,
sem ser feira ou procissão,
é gente, que n'um local,
estava em reunião.

Castello Branco. A. MEBUJE.

EM VERSO

(Por syllabas)

A primeira, só por si,
Não é muito de agradar;
Mas a segunda e primeira,
No arvoredo has de achar.

A terceira e mais segunda
Dizem-nos ser bom pastor;
A segunda após a quarta,
Appellido, sim senhor.

Inda mesmo sem conceito
A charada matarás,
Pois é fructo saboroso
Que no Brazil acharás.

Ajuda. CZAR.

LOGOGRIPHOS

(A pessoa que me enviar a decifração, receberá, como premio, «Uma oleographia» propria para quadro)

Morto no cerco foi de Thebas,
D'Altheia foi filho exaltado;—5—9—8—3—7
E' divindade, mas dos Persas,—10—15—10—1—15
Sendo n'esta ilha celebrado.—14-6—3—5—11
E pelos Gregos d'esse tempo
Esta cidade foi cercada;—5-6-7—13—15
Era cidade, mas do Lacio
Foi pelas chamas devorada.—15-6-8—1—11
Adoravam então os Tyrios
Sob este nome, como um Deus,—12-3—2—4—11 6—5—7
Hercules. Tempos! já lá vão
Esses peccados contra os Ceus!
Para conceito
Uma sciencia,
Trabalhae pois
Com paciencia.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

(A' Ex.ma Sr.a D. M. C. L.)

Eu vi n'uma certa casa—1—7—3—5
Uma mulher, um primor,—5 6—6—7
Em certas difficuldades,—4—7—3-5—1
Pela coisa sem valor—6—2—3—7.

Tem muita riqueza,
E' linda princeza
De todos querida!
Em divans sentada,
De luxo cercada
Assim passa a vida.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Conheci uma mulher—8, 7, 10, 5, 8, 4, 9, 2
Que só tinha este defeito,—3, 10, 5, 4, 1, 8
Era o symb'lo da franqueza—5, 2, 8, 5, 9, 8, 1, 10
Que empregava sem effeito—7, 10, 3, 8, 5, 9, 2

Com tendencias bem chimericas—6, 1, 10, 8, 5, 4, 9, 8, 7, 10
Vês mulher industriosa—8, 1, 10, 5 8
Affastada da cidade—8, 5 7, 10, 4, 8
Por ser (dizem) mui formosa—3, 2 5, 1, 8, 9, 2

Tomae nota, charadistas,
Crêde na minha franqueza:
O logographo é *fraquissimo*
Podeis ter d'isso a certeza.

MATHEUS JUNIOR.

PROBLEMA

Tres cartas, que designaremos pelas lettras A, B e C, são escolhidas por tres pessoas, dando-se primeiro a cada uma d'ellas um papel, tendo um o numero 12, outro o numero 24, e o ultimo o numero 36. Em seguida diz-se á pessoa que tem o numero 12, que lhe junte a metade do numero que pertence á pessoa possuidora da carta A, o terço do numero dado á pessoa que escolheu a carta B, e a quarta parte do numero dado á pessoa que ficou com a carta restante, e pergunta-se depois qual a somma obtida por este modo. Dizer como é possivel saber quaes as pessoas que teem tirado cada uma das cartas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: —Verdura —Noviço —Resoluto—Forcado—Virgula—Maneta - Imperader—Caramelga.
DAS CHARADAS EM VERSO: Cobre—Patachoca.
DO LOGOGRIPHO: —Jornal da Louzan.
DO PROBLEMA: —

6	9	6
9		9
6	9	6

7	7	7
7		7
7	7	7

8	5	8
5		5
8	5	8

9	3	9
3		3
9	3	9

10	1	10
1		1
10	1	10

Cada uma d'estas figuras representa um córte vertical feito no armario parallelo á face da frente. Por ellas se reconhece que, conservando a symetria da disposição primitiva, o maior numero de garrafas tiradas é 16. Não conservando esta disposição ainda se podem tirar mais duas, ficando 11 em cada um dos angulos d'uma diagonal, e 10 em cada um dos angulos da outra.

EXPEDIENTE

Pequena correspondencia

NINA: —A empreza encarrega-se d'isso, por obsequio aos seus assignantes. O preço é 1:000 réis.
Não podemos dar o retrato que pede, mas terá a paizagem. Que numeros deseja?

UM CONSELHO POR SEMANA

INSECTOS NOS OUVIDOS

A crença vulgar de que alguns insectos, como as thesourinhas, as formigas, as aranhas, os percevejos, etc., podem penetrar pelos ouvidos até ao cerebro, é completamente falsa. A unica cousa que póde succeder é o receberem-se algumas picadas no interior dos ouvidos, das quaes resultem inflammações dolorosas.

O processo melhor e mais facil para extrahir os insectos em semelhante caso, consiste em verter no ouvido uma pequena quantidade de azeite de oliveira ou de oleo de amendoas doces, cuja substancia mata os insectos, os quaes se extrahem depois, muito facilmente, com uma pinça ou limpa-ouvidos.

A RIR

Discutiam-se ha dias, n'uma sala elegante de Lisboa, os meritos do sr. F... indigitado para um cargo qualquer na diplomacia.

Fallando do aspirante a diplomata, disse uma dama:
—E' um talento! Sabe estar calado em seis linguas!

•

Uma menina da Baixa diz, entre amigas:
—Aborreço de morte esta moda dos vestidos curtos!
—Porque?
—Porque, quando ha lama, não se podem arregaçar!

BALZAC NA INTIMIDADE

E' curiosissimo seguir Balzac atravez dos cambiantes, das luctas, dos acontecimentos, dos varios aspectos de uma existencia profundamente accidentada, deixando-nos conduzir pelo fio sympathico das affeições do grande romancista, e descobrindo n'essa viagem retrospectiva as ignotas perolas de sensibilidade que se occultavam na alma do auctor da *Comedia Humana*.

Estudar Balzac nos seus intimos affectos, nos indissoluveis laços de inquebrantavel dedicação que vincularam a sua existencia á de alguns entes, excepcionalmente dotados para attrahirem a effusiva amizade d'esse generoso coração, depois de o haver admirado na sua obra colossal, onde se nos depara a força creadora alliada á concatenação harmoniosissima, é reconstruir, em toda a sua esculptural belleza, a figura dominadora d'esse titan litterario, d'esse psychologo incomparavel, d'esse artista, de largo folego, cujo logar a França litteraria ainda até hoje não conseguiu substituir.

Uma das grandes amigas de Balzac foi mademoiselle Touranqui, mais tarde madame Carraud.

Mademoiselle Touranqui exerceu na vida do escriptor, mais talvez do que nenhuma outra mulher, uma influencia enorme.

Foi ella que suggeriu ao perspicaz analysta o typo da *mulher incomprehendida*, surgindo pela vez primeira, em toda a sua mysteriosa belleza, em toda a sua incaracteristica formosura romanesca, das paginas dos livros de Balzac.

A França, avida de imprevisto e eminentemente impressionavel, apaixonou-se pela *mulher incomprehendida*, tal qual ella se lhe apresentava, recortando as sagradas curvas da forma impeccavel no branco marmore da proza de Balzac, envolvendo a fronte radiante nos pudicos veus do mysterio, esboçando o sorriso enigmatico da Jiaconda em uma bôca ironica, finamente cortada em arco de flecha.

Durante a monarchia de julho, a *mulher incomprehendida*, immergindo do negro oceano da obscuridade, como a Venus mythologica, e seguindo ovante, mercê do capricho do romancista, no seu carro eburneo, tirado por pombas, reinou soberanamente.

Ella constituia uma preciosa mina inexhaurivel para a concepção da novella metaphisica.

Todas as sympathias, todas as adorações, todas as invejas pertenciam n'essa epocha á *mulher incomprehendida*, inventada em um arranque de talento pelo grande fantasista.

Quantos homens, moços e velhos, gastaram n'esse tempo os impetuosos ardores da sua juventude, e os ultimos lampejos da sua extincta virilidade, procurando atravez da promiscuidade anonyma, que se chama multidão, a *mulher incomprehendida*, impellidos pela febril curiosidade de a conhecerem, de a consolarem, de a comprehenderem!...

Uma geração apaixonou-se pela mulher de rosto melancolico, de olhar profundo, de intelligencia vibratil, de coração exuberante de ternuras reservadas.

Zola e o seu methodo experimental, por um lado, e pelo outro, o pozitivismo brutal da nossa epocha, anniquilaram esse genero de mulheres, cuja vaga phisionomia, evocada ainda de longe em longe por algum recruta da destroçada milicia lyrica, pertence hoje ao dominio da archeologia.

Balzac, porém, pintava deliciosamente essas naturezas femininas, superiores, pela alma, pelo espirito, pela intelligencia, escondidas, como a modesta violeta, em um ignorado canto da terra; interessantes creaturas, condemnadas a apagarem-se, como a lampada a que falta o oleo, na sombra da obscuridade; almas impotentes para alimentarem os seus insofridos sonhos, succumbindo na lucta e extinguindo-se no silencio...

Todas as sympathias do escriptor e do homem acariciavam sollicitamente essas pobres existencias desconhecidas, devoradas de tristezas sem echo, de amarguras pungentes, de inuteis e mallogradas esperanças irrealisadas.

Foi mademoiselle Touranqui que acordou na alma do romancista essa immensa e ineffavel compaixão, que produziu tantas obras inundadas de exquisita sensibilidade, que deu vida a tantos adoraveis vultos femininos, esvoaçando ao longo da obra de Balzac como as aereas visões de um sonho melancolico.

Mademoiselle Touranqui era a viva realidade e o prestigioso modelo da mulher incomprehendida, sem os exageros romanescos e as ridiculas exaltações de que mais tarde a revestiram os imitadores de Balzac.

Intelligente, affectuosa, em pouco enigmatica, dotada de uma alma apaixonada, mas condemnada pelo destino a arrastar o fardo de uma vida inutil e banal, mademoiselle Touranqui foi, simultaneamente, a amiga fiel e a inspiradora inconsciente de Balzac.

O seu nome figura repetidas vezes na correspondencia do auctor da *Comedia humana*. As cartas que Balzac escreveu á sua grande amiga, revelam uma estima purissima e uma gratidão effusiva.

Foi no convento, onde se educaram juntas, Laura de Balza

a irmã do escriptor, e mademoiselle Touranqui, que se originou essa heroica e devotada affeição.

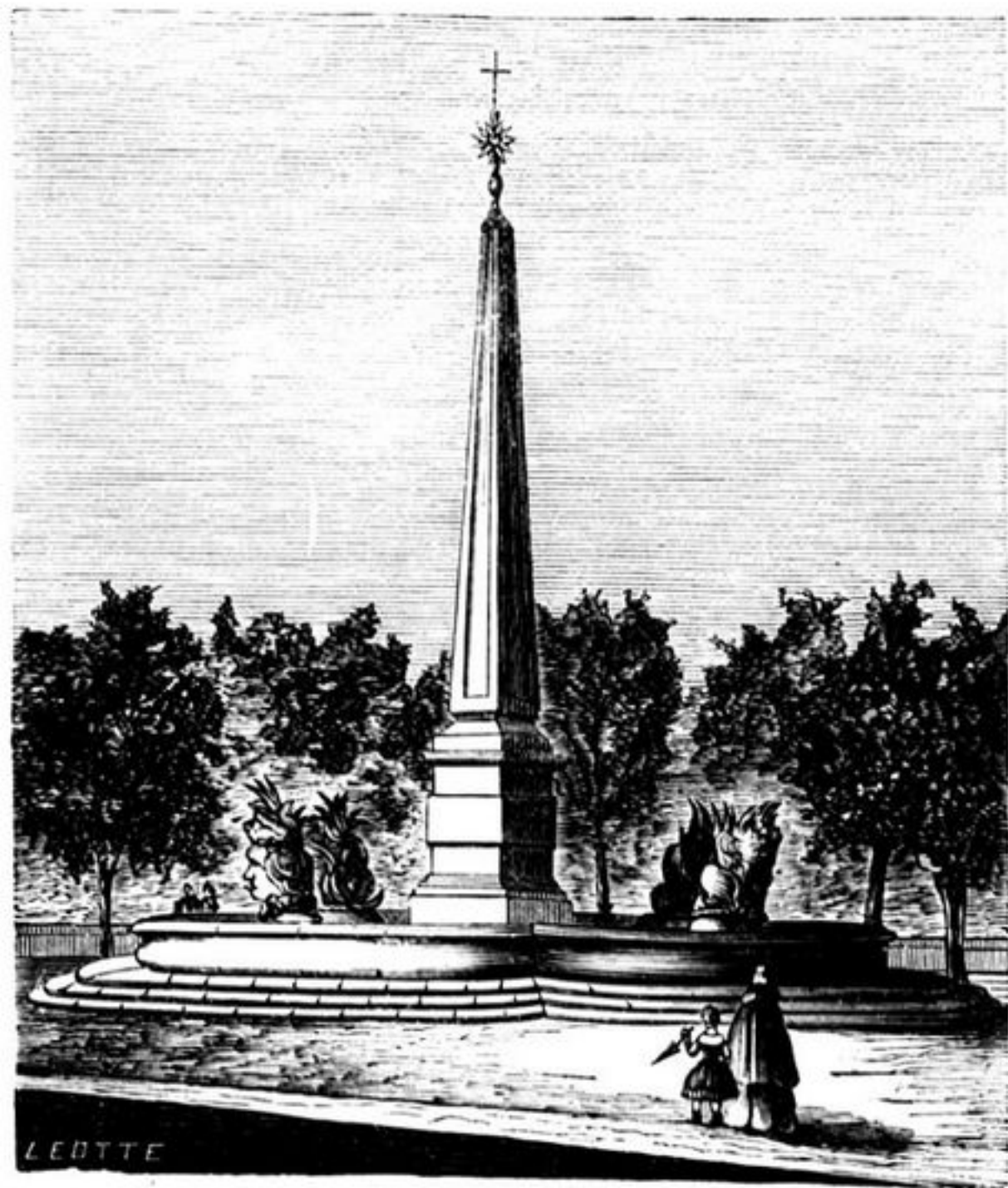
Mademoiselle Touranqui casou, algum tempo depois, com um distincto official de artilheria: o commandante Carraud.

Carraud, naturalmente indolente e apreciando a vida sedentaria, abandonou o serviço activo, preferindo-lhe o logar de director dos estudos, na Escola de Saint-Cyr.

Do caracter apathico de Carraud, contrastando com a nervoza e ardente organisação de sua mulher, resultou o desespero d'esta, que viu mais uma vez frustradas as suas aspirações. Amparou-a n'essa terrivel queda o amor maternal e a enthusiastica affeição que, por uma necessidade do seu expansivo temperamento, votava aos entes queridos, aos fieis amigos, no numero dos quais Balzac tinha o primeiro logar.

Uma affinidade irresistivel, proveniente de muitos pontos de contacto nas idéas, nos sentimentos e nos destinos de ambos, fez com que madame Carraud adivinhasse Balzac, mesmo sem que elle se lhe revelasse.

Foi ella a confidente, a conselheira, a segunda irmã do grande escriptor, consolando-o nas dolorosas maguas da sua atribulada existencia, partilhando os raros jubilos que a illuminaram de fugazes clarões.

Esta singular e immaculada affeição, manteve-se sempre inalteravel no periodo que medeou de 1819 a 1850.

CHAFARIZ DAS NECESSIDADES, EM LISBOA

Madame Carraud occupa entre as affeições do glorioso romancista um logar eminente e francamente definido, aquelle que separa sua irmã da sr.ª de Berny, amante de Balzac.

Qualidade rara, especialmente em uma mulher, e que basta, como um indelevel traço aberto em bronze, para caracterisar uma phisionomia.

Madame Carraud nunca experimentou o menor ciume ou despeito, tratando-se da sr.ª de Berny.

As duas senhoras conheceram-se por intermedio da familia Balzac e estimaram-se reciprocamente, attraidas pela mutua elevação de espirito e pela bondade do coração.

Encantado com esta inesperada affeição, Balzac escreveu um dia á sr.ª Carraud:

—«Tem rasão, querida alma, em ser amiga da sr.ª de Berny: existem nas suas maneiras de pensar notaveis similhanças; o mesmo culto do bem, o mesmo esclarecido liberalismo, o mesmo amor do progresso, a mesma superioridade d'alma e de pensamentos, a mesma delicadeza de coração; é por isso que a ambos estimo profundamente.»

A fina tempera d'estes sentimentos, que a nossa geração, profundamente utilitaria e materialista, engeitou, denominando-os, com um desdem esmagador, do alto da sua pseudo sciencia, *velharias ridiculas e piégas*, marca, não só a superioridade moral de uma alma, como o nivel espiritualista de uma epocha.

A moda, variando consoante o infatigavel gyro do tempo, não altera unicamente, como se presume, a maneira de vestir, impõe-se tambem á maneira de sentir.

Antigamente, a sensibilidade, essa preciose e rara flor que desabrocha no coração humano, perfumando-o, dulcificando lhe as angulosas deformidades, suavisando-lhe as espinhosas imperfeições, era uma virtude, celebrada na vida real em cultos de enthusiastica adoração, divinisada no mundo ficticio da arte pelos poetas, sacerdotes inspirados da religião do amor.

Hoje, no ultimo quartel do seculo XIX, em pleno regimen de Zola e de Darwin, a sensibilidade é quasi um crime!

Madame Carraud possuia em subido grau o bom senso critico, qualidade que Balzac não encontrava, nem em sua irmã, nem no *seu collega* George Sand.

O romancista lia quasi tudo que escrevia á sua intelligente amiga, escutando attentamente as observações suggeridas pela leitura e acolhendo, sem hesitar, as indicações d'esse fino criterio, que tinha, como poucos, a noção justa e a percepção segura e nitida.

A superioridade intellectual de madame Carraud impunha-se por tal fórma ao apreço de Balzac, que o escriptor dizia frequentes vezes:

—«*Jamais esprit plus extraordinaire n'a été plus étouffé; elle mourra dans son coin inconnue!*»

*

Balzac ia quasi todos os annos passar alguns dias a casa da sua amiga, que residia alternadamente em Augoulême e em Frapeele Era ahi, n'esse affectuoso lar, onde se lhe offereciam inextinguiveis thesouros de dedicação, onde toda a familia não tinha senão um pensamento, agradar ao seu hospede, fazer-lhe de cada instante um goso, de cada dia uma festa, que o robusto lutador ia repousar das suas asperas fadigas.

Em 1832, Balzac partiu para Augoulême.

Concluira o *Louis Lambert*, um romance baseado sobre um vasto estudo psychologico, para a elaboração do qual o escriptor realisara innumeras investigações e dispozera importantes trabalhos preparatorios.

Balzac chegou a casa de madama Carraud despedaçado de corpo e d'alma.

As suas primeiras palavras foram:

—Sou o forçado da penna e da tinta!

Poucos dias depois, Balzac caiu doente; declararam-se-lhe violentas dôres de cabeça.

A apprehensão da loucura, provocada pela exaltação cerebral, tornou-se o pensamento dominante de Balzac; o enfermo confiou a inquietação que o devorava á sua amiga, acrescentando que o aterrava a perspectiva do abandono a que são votados os doidos.

—Ah! respondeu ella, se uma tal desgraça o fulminasse, viveria na minha companhia, nunca o abandonaria!

A expressão d'estas palavras gravou-se indelevelmente no coração e na memoria do romancista.

Muitos annos depois, em uma carta escripta em março de 1850, Balzac recordou á sua amiga esse grito de coração, esse espontaneo e affectuoso impulso, que acabou de consagrar a santa e purissima dedicação que os unia.

—«Nunca esqueci, escreve Balzac, essa palavra, o seu olhar e a inflexão da sua voz. Tudo isso está ainda em mim, como no mez de julho de 1832... Ah! não esqueço a sua maternidade, a sua divina sympathia para os infelizes!»

Algumas das cartas endereçadas pelo grande prozador á sr.ª Carraud, são profundamente commoventes.

D'essas paginas, brancas como um casto lyrio, evola-se para o céo o divino *ave* da immaculada amisade.

—«A minha amiga é o meu publico, escreve o romancista em uma d'essas cartas; é á sua e a algumas outras almas escolhidas que eu quero agradar. Nunca a vi nem ouvi sem colher alguma cousa boa; foi a minha amiga que teve a coragem de me ajudar a arrancar as más hervas do meu campo... Recorri á sua affeição, sempre que algum attrito me feriu; era o pombo refugiando-se no ninho; dedico-lhe uma amisade que não se parece com nenhuma outra e que não póde ter rival nem equivalente.»

E agora, que vimos Balzac á doce meia luz da intimidade, depois de o havermos admirado á grande luz da publicidade, curvemo-nos perante a dupla irradiação d'esse immortal.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA